

**ARTES, AFECTOS E PERCEPTOS NAS VIVÊNCIAS
SEMIÓTICAS E AIÔNICAS DOS BEBÊS E DAS CRIANÇAS**

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFNT)

luizpeel@mail.uft.edu.br

Antonio Cilírio da Silva Neto (UEMA)

antonioneto5@professor.uema.br

Misleine Andrade Ferreira Peel (UBI-Pt)

misleine.peel@ubi.pt

RESUMO

As artes, os 'afectos' e os perceptos são fluências importantes nas aprendizagens semióticas dos bebês e das crianças, constituindo processualidades que permitem vivências com o *aiôn*, com o 'criançar', de Heráclito; assim, neste texto, abordamos vários autores que experimentaram, ao menos teoricamente, esse tempo como devir-criança, Gilbert Simondon (2020a; 2020b), Henri Berson (2009; 2019), Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012), Giorgio Agamben (2005), Félix Garcia Moriyón (2010), Walter Kohan (2007) e Luiz R. P. F. de Oliveira (2020; 2021). Nossa pesquisa é teórica e bibliográfica, com nuances cartográficas, pois voamos com pousos repetidos e suaves por esses autores e por suas obras, que permitiram flanares filosófico-linguísticos e, também, estéticos. O conceito de *aiôn* é, assim, vivenciado como 'criançar', como intuição, como pré-individualidade e metaestabilidade, como devir-criança, como fase experiencial e como língua-ovo, sempre por meio de sua verve lúdica e sempre por meio de suas complementaridades artísticas e filosóficas. Então, a partir de experimentações linguageiras primevas, o infante passa, quando se torna criança, a dizer; e, dizendo, pode continuar a 'criançar', desde que os processos de ensino e de aprendizagem da língua e da gramática assim o permitam.

Palavras-chave:

Alfabetização. Educação infantil. Filosofia da Educação.

ABSTRACT

The arts, the 'affects' and the perceptos are important fluencies in the semiotic learning of babies and children, constituting processes that allow experiences with the *aiôn*, with the 'children', by Heráclito; thus, in this text, we approach several authors who experienced, at least theoretically, this time as a becoming-child, Gilbert Simondon (2020a; 2020b), Henri Berson (2009; 2019), Gilles Deleuze and Félix Guattari (2012), Giorgio Agamben (2005), Félix Garcia Moriyón (2010), Walter Kohan (2007) and Luiz R. P. F. de Oliveira (2020; 2021). Our research is theoretical and bibliographical, with cartographic nuances, as we flew with repeated and soft landings by these authors and their works, which allowed philosophical-linguistic and also aesthetic wanderings. The concept of *aiôn* is thus experienced as 'childhood', as intuition, as pre-individuality and metastability, as becoming-child, as an experiential phase and as an egg-tongue, always through its playful imagination and always through their artistic and philosophical complementarities. So, starting from primal language experimentation, the infant starts, when he becomes a child, to say; and, in other words, he can continue

to ‘child’, as long as the processes of teaching and learning the language and grammar allow it.

Keywords:

Literacy. Child education. Philosophy of Education.

1. Introdução

Neste ensaio, partindo de algumas afirmações de Heráclito (*apud* SOUZA, 1996), Bergson (2009; 2019), Simondon (2020a; 2020b), Deleuze e Guattari (2012), Agamben (2005), Moriyón (2010), Kohan (2007) e Oliveira (2020; 2021), caminharemos por artes, memórias, afectose perceptos, almejando a instauração de um novo tempo – cheio de perceptos, o tempo do devir-criança –, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, no tocante às vivências e às aprendizagens semióticas.

Ora, as artes, desde que vivenciadas como artes (o que se faz na maioria das escolas brasileiras, quando se ensina ‘arte’, é algo terrível e burlesco), permitem que os seres se concretizem, individuando-se a partir de realidades pré-individuais, vivendo, vivenciado e criando vidas e relações profícuas.

Mas, antes de tudo, para que nosso parágrafo inicial fique claro, talvez seja conveniente dizer o que são os perceptos e por qual motivo escrevemos ‘affectos’.

Começemos pelo percepto, seu conceito, em relação à arte e às aprendizagens, é mais amplo do que o de percepção; assim como o de affecto é, também, mais abrangente do que o de afeição. E, para explicar essa diferença, a partir de Deleuze (1988), podemos relacionar os dois conceitos, afirmando que percepto não é percepção, percepto é o conjunto de sensações e de percepções que vão além daquele que as sente (o artista, para o pensador francês, tira perceptos das percepções, dando-lhes consistência). Deleuze adiciona o conceito de affecto ao de percepto, como complementares um do outro; para ele, não há perceptos sem affectos, nem affectos sem perceptos. E, se o percepto é um conjunto de percepções e de sensações que se tornam independentes daquele que o sente; os affectos são os devires, também independentes de quem os vivencia. São devires que transbordam daquele que os sentiu e os percebeu, excedendo as suas forças; isso é o affecto, um conjunto de devires (1988). Assim, há comunhão semântica entre os conceitos de affectos e de afeto, e isso é óbvio; porém, há também algo a mais nos affectos: affectos são as fluências,

os signos, o excesso em relação ao percepto; enfim, afecto é um transbordamento de forças e de fluíres.

Dos perceptos, agora, caminhemos para a temporalidade, especialmente para aquela concebida como movimento e como devir-criança (o ‘aiônico’ presente em nosso título).

2. Temporalidade e devir-criança

Heráclito, além de afirmar que a natureza está em constante mudança, deixou-nos, em seus fragmentos, as ideias de fluxos e de movimentos constantes na natureza e no mundo; defendendo, ainda, a ideia de que não há unidades, mas dualidades constantes no mundo, sendo que, para ele, o mundo se constitui como um eterno devir.

E, por meio desse devir, o tempo tem várias acepções, sendo que o seu devir-infância nos interessa muito, conforme o fragmentocinquenta e dois de Heráclito; mas, antes de chegarmos a esse fragmento, convém apreciar alguns outros, para que possamos compreender uma constante lição do filósofo: tudo flui e nada permanece, já que somos devires e não essências (os devires e as fluências são os componentes do *aiōn*, como veremos adiante).

No fragmento 18 (SOUZA, 1996), Heráclito nos adverte acerca do ‘inesperado’: Ἐὰν μὴ ἔλπηται ἀνέλπιστον οὐκ ἐξευρήσει, ἀνεξερευνήτων ἐὼν καὶ ἄπορον (“Se não esperas o inesperado, não o encontrarás, pois é penoso e difícil de encontrar”). Assim, precisamos esperar o inesperado; isto é, precisamos estar abertos para o imprevisto, para o repentino e para o súbito (a intuição, a abdução e o acaso são importantíssimos nas processualidades associadas à aprendizagem).

O inesperado, quando experimentado por dispositivos que nos agram, possibilita o devir e a aprendizagem autêntica; e, então, se agenciarmos, em nossas escolas, essa espera pelo inesperado que a arte, a filosofia e a ciência liberam, nossas crianças terão intuições e abduções linguístico-artísticas, que ‘criancarão’ com suas almas e com seus corpos ‘crianceiros’.

O mundo não está pronto, sendo mesmo um conjunto de devires; e não estava também no tempo de Heráclito (fragmento 30): Κόσμον τόνδε, τὸν αὐτὸν ἀπάντων, οὔτε τις θεῶν οὔτε ἀνθρώπων ἐποίησεν, ἀλλ’ ἦνάει καὶ ἔστιν καὶ ἔσται πῦράειζων ἀπτόμενον μέτρα καὶ ἀποσβεννύμενον μέτρα (“Este mundo, o mesmo para todos, não o fez nenhum dos deuses,

nem dos homens, senão que tem sido feito eternamente e é e será um fogo eternamente vivo, que se acende de acordo com medidas e se apaga de acordo com medidas”).

Não apenas os nossos alunos, mas o mundo todo espera o inesperado e é criado todos os dias, sempre de acordo com as medidas que a cultura estabelece e sempre como fogo vivo. Urge, então, que deixemos o fogo criancero brilhar e queimar e mudar e transformar vidas.

E o sol poderá ser novo a cada dia em nossas crianças – em seus corpos, em seus desejos, em suas almas e em suas volições: Ὁ ἥλιος {...} νέος ἐφ’ ἡμέρη ἐστίν, ἀλλ’ ἀεινέος συνεχῶς (“O sol é novo a cada dia, sempre novo sem cessar” – fragmento 6).

Novidade e movimento se encontram em Heráclito como complementares mutantes, não existindo um sem o outro, já que tudo muda: Ποταμῶι γὰρ οὐκ ἔστιν ἐμβῆ ἢ ναι δις τῷ αὐτῷ (“Não podes entrar duas vezes no mesmo rio” – fragmento 91a); sendo assim, todas as vezes que experimentarmos um rio, ou um mar, teremos devires diferentes, posto que será outro o mar daquele dia. Ainda sobre os que se banham no mesmo rio, outro fragmento reforça a ideia (fragmento 12): Ποταμοῖσι τοῖσιν αὐτοῖσιν ἐμβαίνουσιν ἕτερα καὶ ἕτερα ὕδατα ἐπιπῶρει (“Sobre os que se banham nos mesmos rios, outras águas correm por trás das águas”). Ora, o novo e o movimento ou a duração são complementares, certamente, entre si.

Junto com a novidade e com o movimento, a razão também não tem limites (fragmento 45): Ψυχῆς πείρατα ἰὼν οὐκ ἄν ἐξεύροιο, πᾶσαν ἐπιπορευόμενος ὁδόν· οὕτω βαθὺν λόγον ἔχει (“Os limites da alma não podem ser encontrados, mesmo percorrendo todos os caminhos: assim profunda é a razão”). O *logos*, a razão, é um verbal grego que significa ‘colher’ e ‘recolher’; e, ainda, ‘dizer’. Dessa forma, quando dizemos, estamos recolhendo e colhendo sentidos ilimitados e infinitos, o que a escola não deveria impedir; mas, há muito tempo vem impedindo, e o prejuízo é grande. E nossas crianças crescem com muito medo e com uma insegurança enorme em relação ao colher e ao recolher palavras e sentidos.

Chegamos ao primeiro texto de Heráclito referido em nosso artigo (fragmento 52): Αἰὼν παῖξ ἐστὶ παίζων, πεσσεύων· παιδὸς ἢ βασιληῆ (“O *aiôné* uma criança criando, jogando: o poder real é da infância”). A infância, o criar, é o tempo e o lugar do movimento; e não podemos

nem devemos quebrar essa capacidade do devir-criança ou do devir-infância.

Walter Omar Kohan vivenciou também o *aiôn*, cotejando-o com *khrónose* com *kairós*, e diferenciando-o como o poder das crianças – o seu reino, o reino do criança (2007). Kohan escreveu várias obras – livros e artigos –, relacionando a temporalidade aiônica com a filosofia e com as aprendizagens.

O *aiôn*, para os gregos, é um tempo infinito de uma eternidade presente. Ora, quem vive essa eternidade presente? A criança, com certeza; e ainda o adulto, quando consegue recuperar a sua infância – o seu período de *in-fante* ('não falante'), o tempo e o espaço em que estava fora da linguagem, o tempo inefável, inconexo e indizível, conforme salientou Agamben (2005):

O inefável, o inconexo (o irrelato) são de fato categorias que pertencem unicamente à linguagem humana: longe de assinalar um limite da linguagem, estes exprimem seu invencível pressuposto, de maneira que o indizível é precisamente aquilo que a linguagem deve pressupor para significar. (AGAMBEN, 2005, p. 11)

O indizível é, ainda, o tempo do acontecimento, o que veremos abaixo com Deleuze; agora, o que queremos salientar é que o inefável, o inconexo, o irrelato e o indizível estão presentes na infância como pressupostos para significações simbólicas posteriores, ou, podemos dizer também, como potência e possibilidade advindas da zeroidade⁹.

Outro excerto de Agamben nos ajudará a compreender o que estamos dizendo:

O espaço entre voz e *lógos* é um espaço vazio, um limite no sentido kantiano. Somente porque o homem se encontra lançado na linguagem sem ser aí levado por uma voz, somente porque, no *experimentum linguae*, ele se arrisca, sem uma 'gramática', neste vazio e nesta afonia, algo como um *éthos* e uma comunidade se tornam para ele possíveis. (AGAMBEN, 2005, p. 16)

A zeroidade é um espaço vazio no tocante a determinações simbólicas ou genéricas; é um espaço situado entre a voz e o *lógos*, como vemos nas palavras de Agamben. Sendo assim, o que conduz a infância como exterioridade linguística é, para o filósofo italiano, o fato de ser um *experimentum linguae* em que "os limites da linguagem não são busca-

⁹ Zeroidade é um acréscimo de Gilles Deleuze às matrizes de criação da linguagem e do pensamento, de Charles Sanders Peirce, significando o plano de imanência a partir do qual a filosofia, a arte e a ciência criam suas personagens.

dos fora da linguagem, na direção de sua referência, mas em uma experiência da linguagem como tal, na sua pura auto-referencialidade” (2005, p. 12).

E tudo isso faz com que o infante vibre por meio de ícones ou de remas como puras qualidades (o balbucio dos bebês é um ótimo exemplo desse *experimentum linguae*); os remas da infância são, talvez, desocultações que precedem a linguagem – são simulacros que revelam as diferenças e as singularidades de cada bebê.

Ora, bebês são e não são, constituindo-se como seres puramente relacionais. Mas o que é esse ‘ser’ ou ‘não ser’ do bebê? Talvez seja o ‘criançar’, ou o ‘criançando’! Talvez seja a nossa existência relacional!

Heráclito, no fragmento 49a, afirma que em relação aos rios, no que toca aos nossos movimentos, somos e não somos: Ποταμοῖς τοῖς αὐτοῖς ἐμβαίνομεν τε καὶ οὐκ ἐμβαίνομεν, εἰμὲν τε καὶ οὐκ εἶμεν (“Entramos e não entramos nos mesmos rios, somos e não somos”). De fato, em relação aos nossos movimentos, somos e não somos, uma vez que ser ou não ser é, com certeza, algo relacional, o que veremos adiante com Gilbert Simondon, estudioso dedicado dos pré-socráticos; e, sendo relação, e não essência, o ser deve ser definido por suas individualizações, por suas concretizações, sempre ‘criançando’ e sempre ‘jogando’.

Um último fragmento de Heráclito fechará esta parte de nosso texto (84a): Μεταβάλλον ἀναπαύεται (“Mudando, descansa”); do qual podemos concluir que se estivermos mudando, ‘criançando’, convém descansar das preocupações cotidianas; caso contrário, se não mudarmos cotidianamente, devemos nos preocupar, pois estaremos morrendo.

3. *Tempo enquanto invenção*

A duração para Bergson é entendida, brilhantemente, como invenção, podendo ser comparada ao “criançando” de Heráclito; já que, quando ‘criançamos’, estamos jogando e criando mundos, ou seja, estamos inventando lugares e tempos de desterritorializações e de reterritorializações.

Leiamos as palavras do próprio filósofo: “O universo dura. Quanto mais nos aprofundamos na natureza do tempo, mais compreenderemos que duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do absolutamente novo” (2019, p. 12).

Dessa forma, a infância enquanto duração aiônica, com seu ‘criançar’, é composta por tempos e por lugares de criação de formas e de elaboração do novo; o que é tão importante nos processos de aprendizagem que envolvem a palavra: fala, leitura, escrita e experimentação textual criativa.

Na experimentação artística infantil, a duração existe a partir das mutações que provocam devires e que definem afetos e variações de potência de agir, sempre na direção de alegrias e de gozos.

Daí, a importância da arte, da arte-educação e da arte-cartografia nos processos de aprendizagem da linguagem verbal: as palavras (sua audição, sua leitura e sua escrita) devem ser experimentadas, aprendidas e internalizadas como perceptos e por meio de fluxos afetivos.

Isso é arte-educação. Isso é arte-cartografia. Isso é mudar, transformar, metamorfosear; ou seja, aprender, criar e viver.

4. A infância como território metaestável

Chegamos a Gilbert Simondon; encontramos-nos, assim, dentro do ‘criançando’, sempre a partir de realidades pré-individuais e de seu combustível metaestável. A partir de Simondon, podemos compreender as aprendizagens como processos de individuação ou de concretização a partir de vivências pré-individuais.

As individuações são processos baseados em relações que ocorrem por transdução alagmática, sendo que essa processualidade também deve acontecer nos processos de aquisição da linguagem verbal.

Explicamos: para o filósofo francês não devemos conceber os seres como tendo um princípio essencial ou substancial, já que nos constituímos como relação, e como relação devemos ser estimulados a aprender; para ele, temos identidade transdutiva, e a individuação é uma filosofia das relações, buscando sempre, como já dissemos, processos de concretização (2020a). A partir daí, a identidade é concebida como um caso extremo de relação, e os problemas que envolvem afetos e emoções devem ser distinguidos como modos de relação vivenciados por regimes biológicos e psicossociais – transindividuais.

Assim, do pré-individual, passando por individuações e chegando ao transindividual, os seres se concretizam a partir de energias metaestáveis – sempre ‘criançando’ e sempre ‘jogando’ de forma inteligente, pro-

fícua e viva. É o que ocorre com a aprendizagem familiar da língua e da gramática; e é o que não ocorre com a aprendizagem escolar da gramática padrão. O conceito simondoniano de transdução se aproxima do de duração de Bergson, já que ambos tratam da invenção e da criação, abarcando ainda o ‘criançando’ de Heráclito.

Dessa forma, a infância, a partir das considerações de Simondon (2020a, 2020b), constitui-se como dimensão territorial metaestável; a partir da qual o aprendizado da linguagem verbal ocorre como ritorno – territorialização, desterritorialização e retorialização, o que nos remete a Deleuze e a Guattari, nossos próximos interessados.

5. *A infância enquanto acontecimento e devir*

A filosofia do acontecimento de Deleuze e Guattari nos impulsiona para a infância enquanto acontecimento e devir; acontecimento e devir que primam pela inconformidade e pela diferença – acontecimento e devir que remetem ao *aiôn* enquanto tempo do acontecimento (o acontecimento, em relação aos infantes, assemelha-se em termos de vivência ao ‘criançando’ de Heráclito). Ora, em relação a seus opostos, “a identidade e a semelhança não passam de simulações no grande “jogo” da existência, de ser e do devir” (SCHÖPKE, 2012, p. 194), aposta feita pelos que já falam, leem e escrevem, e não pelos infantes, que não falam, não leem e não escrevem (a linguagem simbólica e a forma com que é ensinada estabelecem limites precisos entre existências e essências). Os infantes são informes e diferentes, são seres relacionais, o que importa para eles não é a essência, nem a identidade, nem a semelhança.

Deleuze compreende, então, o *aiôn* como o tempo incorporal, como a eternidade presente ou como o não tempo; para o filósofo, o *aiôn* desponta instantaneamente na arte como entretempo: entretempo da diferença, entretempo da vivência de perceptos e de afetos, sendo um verdadeiro corte no tempo – o entretempo do ‘criançar’.

Em sua *Lógica do Sentido*, Deleuze efetuou uma distinção entre dois tempos, o *chrónos* e o *aiôn*. Seguindo sempre os estoicos e suas afirmações, conceitua o primeiro como o tempo do presente vivo, como o tempo dos corpos e de suas misturas, o tempo dos estados; já em relação ao segundo, o *aiôn*, descreve-o como o tempo que inclui passado e futuro ilimitados, por ser o tempo dos acontecimentos incorporais, o que do que é expresso nos enunciados – o tempo dos sentidos.

Para nos apropriarmos ainda mais desses conceitos e de suas relações com a infância, convém ler um pouco mais das afirmações de Deleuze sobre os estoicos:

Os Estóicos distinguem duas espécies de coisas: (1) Os corpos, com suas tensões, suas qualidades físicas, suas relações, suas ações e suas paixões e os ‘estados de coisas’ correspondentes. [...] Não há causas e efeitos entre os corpos; todos os corpos são causas, causas uns com relação aos outros, uns para os outros. [...] (2) Todos os corpos são causas uns para os outros, uns com relação aos outros, mas de quê? São causas de certas coisas de uma natureza completamente diferente. Esses efeitos não são corpos, mas, propriamente falando, “incorporais”. Não são qualidades e propriedades físicas, mas atributos lógicos ou dialéticos. Não são coisas ou estados de coisas, mas acontecimentos. Não se pode dizer que existam, mas antes, que subsistem ou insistem, tendo esse mínimo de ser que convém ao que não é uma coisa, entidade não existente. Não são substantivos ou adjetivos, mas verbos. Não são agentes nem pacientes, mas resultados de ações e paixões, ‘impassíveis’ – impassíveis resultados. (DELEUZE, 2007, p. 5-6)

Para o filósofo francês, os incorporais são vivenciados de forma autêntica pelos e nos acontecimentos, ou pelo e no *aion* – o tempo dos sentidos. Dessa forma, os infantes vivenciam seus estados, seus corpos, seus incorporais, suas relações e seus acontecimentos sempre como puras qualidades (os infantes são relações e causas que criam e que brincam por meio de mutações vívidas).

Deleuze coteja, como já dissemos, o *aion* com o *chrónos*, entendendo que, para os dois domínios da realidade – corporal e incorporeal –, correspondem respectivamente esses dois regimes temporais: o *chrónose* o *aion*:

O único tempo dos corpos e estados de coisas é o presente. Pois o presente vivo é a extensão temporal que acompanha o ato, que exprime e mede a ação do agente, a paixão do paciente. Mas na medida da unidade dos corpos entre si, na medida da unidade do princípio ativo e do princípio passivo, um presente cósmico envolve o universo inteiro: só os corpos existem no espaço e só o presente no tempo. [Quanto aos incorporais, eles] não são presentes vivos, mas infinitivos: Aion ilimitado, devir que se divide ao infinito em passado e em futuro, sempre se esquivando do presente. De tal forma que o tempo deve ser apreendido duas vezes, de duas maneiras complementares, exclusivas uma da outra: inteiro como presente vivo nos corpos que agem e padecem, mas inteiro também como instância infinitamente divisível em passado-futuro, nos efeitos incorporais que resultam dos corpos, de suas ações e de suas paixões. Só o presente existe no tempo e reúne, absorve o passado e o futuro, mas só o passado e o futuro insistem no tempo e dividem ao infinito cada presente. Não três dimensões sucessivas, mas duas leituras simultâneas do tempo. (DELEUZE, 2007, p. 5-6)

O *aiôn* é então incorporal, como o ‘criançando’ e como o reino das crianças de Heráclito, sendo um dos vetores responsáveis pela possibilidade da linguagem; o que Deleuze disse com as seguintes palavras:

É este mundo novo, dos efeitos incorporais ou dos efeitos de superfície, que torna a linguagem possível. Pois é ele, como veremos, que tira os sons de seu simpleestadoo de ações e paixões corporais; é ele que distingue a linguagem, que impede de se confundir com o barulho dos corpos, que a abstrai de suas determinações orais-anais. [...] Pertence pois ao Aion, como meio dos efeitos de superfície ou dos acontecimentos, traçar uma fronteira entre as coisas e as proposições: ele a traça com toda sua linha reta e sem esta fronteira os sons se abateriam sobre os corpos, as próprias proposições não seriam “possíveis”. A linguagem é tornada possível pela fronteira que a separa das coisas, dos corpos não menos daqueles que fala. (DELEUZE, 2007, p. 170-1)

Se o infante é o que ainda não diz, a escola é o que o impede a criança de dizer criativamente, ou transdutivamente; pois, quando deixa a infância e passa a dizer, adquirindo toda a potencialidade da linguagem, a criança, que desenvolve inicialmente as linguagens com seus parentes próximos – mãe, pai, avó, avô, tia, tio, irmão, dentre outros –, por meio de individualizações transdutivas, passa, durante o aprendizado formal escolar, a trabalhar com o genérico dedutivo ou indutivo, o que traz a semelhança e a identidade para o centro de suas experimentações (nos experimentos transdutivos, ela, a criança, é que era o centro; e o que importava era a diferença).

Enquanto somente transduzia as linguagens e a língua, a criança falava e dizia emoções e afetos; já quando passa a deduzir e a induzir os procedimentos linguísticos, transforma-se somente num falador inerte e impotente, deixando toda a sua potência de agir e de existir no passado. Vivencia, daí em diante, somente o *chrónos*, já que o *aiôné* abandonado enquanto tempo do sentido; e as coisas passam a ser vivenciadas e vividas sem o menor sentido – o que é caro e querido pelos meios e pelos modos de violência simbólicos.

Se, para Darci Ribeiro, toda criança até três anos é um Picasso; para a escola, a partir dos três ou quatro anos, a criança é apenas um sujeito alienado e carente de criações profícuas.

6. A infância como um território fronteiriço

Para Moriyón (2010), a infância não pode ser vista de modo rígido, já que se trata de um território fronteiriço, com mudanças qualitati-

vas, como a passagem do engatinhar ao andar sobre os dois pés, e com mudanças quantitativas, as mais comuns e, geralmente, ligadas ao ensino. Para o autor, uma das importantes mudanças qualitativas é a explosão da linguagem, por volta dos trinta meses de idade.

Outro dado importante trazido por Moriyón diz respeito à indeterminação do desenvolvimento infantil, que é o resultado de uma complexa e dinâmica inter-relação entre o auferido geneticamente e o recebido através do meio; sendo que, para o humano, o meio é sobretudo um meio cultural, além do natural (*Idem*).

E, em relação ao meio cultural, vivemos, enquanto infantes, dentro de várias linguagens, principalmente da linguagem verbal; sendo, assim, nossos limites de mundo são definidos por essas linguagens e pelos devires por quais passamos com essas linguagens, que nos definem, tanto linguagens quanto devires, o que foi desta forma compreendido por Moriyón (2010):

Trata-se de partir de uma concepção do ser como devir ou suceder, sempre o devir de um singular sensível, que deriva de um fundamento em falta ou sem fundamento e que se refere a um fim sem fim. O ser se entende então como limite, habitante de uma fronteira que se situa em uma delgada linha na qual uma razão fronteira se esforça, mediante a linguagem e os símbolos, para construir um cerco no qual o próprio ser pode ser cultivado, o mundo físico se converte em mundo e esse mundo passa a ser um projeto de ser fronteiro que converte o corpo e território em projeção e desdobra da própria dobra da sua condição de limite e dobradiça. (MORIYÓN, 2010, p. 149)

Precisamos, então, buscar nossos fundamentos e nossos projetos de desdobramentos em devires e em apoios metaestáveis, o que nos retorna a Simondon e a sua pré-individualidade; já que a metaestabilidade é o combustível para toda a mudança, para toda a novidade e para todo o sentido.

7. A língua-ovo

A língua-ovo é ‘criançada’ por Oliveira (2021) como uma somatória do *aiôn* de Heráclito, da intuição de Bergson, da metaestabilidade e do pré-individual de Simondon, do devir-criança de Deleuze e do ‘criançar’ de Kohan.

A língua do infante, que ainda não fala, mas que já diz, é a língua-ovo, uma língua disforme e igualmente infante. Uma língua que, ao ser descoberta, já nasce alada, como próprio autor nos conta:

Os bebês são energias, e suas línguas são ovos com voos! Ovos alados que mamam e que balbuciam! Na fidúcia, o ovo é o corpo sem órgãos.¹⁰

O corpo sem órgãos é intuitivo e inventivo, principalmente quando surgem as asas.

Era uma vez, e ainda pode ser outra vez, um ovo com asinhas! Acordamos um dia e, como Kafka, percebemos a metamorfose: vislumbramos a mudança e experimentamos o que é ser um ovo alado.

“E estas asas?”

“Somos ovos?”

“E alados?”

“E o que fazer com as nossas novas asas?”

Uma voz canta e responde dentro de nossos espíritos: “Basta usar!”

“Basta que sejam vivenciadas com e como energia!”

“BASTA DANÇAR!”

“BASTA VOAR!” (OLIVEIRA, 2021, p. 1-3)

Para Oliveira (2021), a língua-ovo é a potência da materialidade linguageira vital; e advém, daí, a necessidade das aprendizagens transduativas enquanto procedimentos relacionais da experimentação linguístico-gramatical, que considera, inicialmente, na vida dos bebês, a língua-ovo, e, depois, por transduções, as experimentações com gramáticas coletivas – a da família, a da rua, a da escola e as outras com as quais a criança tenha contato por interações psicossociais.

A língua-ovo é a língua do acontecimento e do tempo do sentido, ou seja, a língua aiônica por excelência fenomenológica; é a língua das realidades pré-individuais; a língua metaestável por excelência; a língua do ‘criançar’ ou ‘criançando’, já que o infinitivo e o gerúndio comungam, aqui, da existência e da vivência relacionalmenteaiônicas.

Trata-se, certamente, quando vivenciamos a língua-ovo, da experimentação da dimensão pré-individual, ou da vivência do corpo-sem-órgãos de Artaud e de Deleuze (ARTAUD, 1975; 2019; DELEUZE; GUATTARI, 2010; 2015); temos, então, na totalidade da experiência com o pré-individual, o domínio da experiência estética, revelando a tendência do humano para a busca dessa totalidade e para sua manutenção, o que o infante faz e deseja, até que a escola o corrompa.

Trata-se, enfim, da experiência estética original, o que faz com que as crianças sejam realmente artísticas.

¹⁰ A noção de corpo sem órgãos foi primeiramente apresentada por Antonin Artaud, em *Para acabar de vez com o Juízo de Deus, seguido de O Teatro da Crueldade* (Lisboa: Ed. & etc., 1975).

8. Considerações finais

Nossas considerações finais têm de finais somente o subtítulo, posto serem parciais ou até mesmo mutantes; uma vez que se metamorfosearão a cada vez que forem benditas. E, assim se querem, benditas e benfazejas. Ora, se aspiramos o tempo aiônico, o tempo do sentido e o tempo do ‘criançar’, não podemos desejar outra coisa, a não ser as mutações, as diferenças e as disparidades enquanto motes artísticos, filosóficos ou científicos.

Assim, assumindo a transformação e a mutação como efeitos da diferença, desejamos que os professores de artes, de línguas e de literaturas possam metamorfosear suas aulas e suas cartografias metodológicas e epistemológicas em vivências relacionais transdutivas e alagmáticas, almejando sempre o devir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. *Infância e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- ARTAUD, Antonin. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: LP & M, 2019.
- _____. *Para acabar de vez com o Juízo de Deus, seguido de O Teatro da Crueldade*. Lisboa: Ed. & etc., 1975.
- BERGSON, H. *A Energia Espiritual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- DELEUZE, G. *A Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- KOHAN, W. O. *Infância, estrangeiridade e ignorância: Ensaio de Filosofia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LEPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- MORIYÓN, F. G. A infância, um território fronteiriço. In: KOHAN, W. O. (Org.). *Devir-criança da filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- OLIVEIRA, L. R. P. F. de; COSTA, P. V.; SILVA, R. S. *Abecê Filosófico da Arte-Cartografia*. João Pessoa: Ideia, 2020.
- _____. de. *Língua-Ovo*. João Pessoa: Ideia, 2021.

SCHÖPKE, R. *Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOUZA, J. C. de. Heráclito – Fragmentos (sobre a natureza). *Os Pensadores – os pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: 34, 2016.